

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS NO CONTEXTO DE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA CRECHE NO MUNICÍPIO DE MAMANGUAPE - PB

Heloísa Melo de Almeida

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba; Pós-graduanda em Educação do Campo - Universidade Federal da Paraíba/ CE – Campus I /João Pessoa-PB. E-mail: heloisa.pi@hotmail.com

Diego Tavares do Nascimento

Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Especialista em Gestão Educacional pela Faculdade de Pinhães – RJ. E-mail: pedagogodiego@gmail.com

Leticia Tavares do Nascimento

Graduanda em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Augusto Motta/ Rio de Janeiro – RJ- E-mail: letticiattavares@gmail.com

Valkilene Melo de Mendonça de Souza

Pós-graduanda em Educação do Campo - Universidade Federal da Paraíba/CE – Campus I/ João Pessoa – PB. E-mail: valkilene.melo@hotmail.com

Iolanda Carvalho de Oliveira

Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – Iole38@gmail.com

RESUMO

A literatura científica que aborda os estudos das relações de gênero tem revelado o recrudescimento de pesquisas com esse enfoque no campo da educação. Todavia, constata-se, que, na educação infantil, essa produção ainda é tímida. Analisaram-se a prática pedagógicas no contexto de gênero das professoras de uma creche no município de Mamanguape- PB. O referencial teórico está ancorado nos estudos de Scott, Finco, Faria e Louro. Utilizaram-se aspectos da abordagem etnográfica no campo da educação, bem como alguns instrumentos como questionário de perguntas abertas, questionário sociodemográfico e instrumento de diagnóstico nas entrevistas realizadas com quatro professoras. As professoras revelaram concepções conservadoras e heteronormativa das relações de gênero. Suas visões sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade, o uso das cores sugere práticas didático-pedagógicas de gênero bastante heterogêneas entre elas. A formação das professoras da educação infantil se constitui em um problema histórico, sobretudo se considerarmos a inexistência de uma formação continuada a partir das relações de gênero. Portanto, as creches e pré-escolas acabam contribuindo para a reprodução de preconceitos e estigmas culturais, pela falta de trabalho didático-pedagógico orientado para as relações de gênero no ambiente educativo. Esta pesquisa visa a contribuir com a formação de professoras e professores mais reflexivos e para o fortalecimento de uma cultura de paz.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Práticas Pedagógicas, Professoras, Relações de Gênero.

1 - INTRODUÇÃO

O uso do conceito de gênero surgiu na história dos movimentos feministas contemporâneos (LOURO, 1997). O termo gênero se refere, portanto, à construção social e cultural das masculinidades e das feminilidades, orientando variadas vertentes dos movimentos feminista na atualidade. Desse modo, entendemos que, os movimentos feministas contribuíram para a quebra de tabus e paradigmas históricos e culturais nas relações de homens e mulheres, que são resultado de um longo período de opressão e dominação da mulher herdados do modelo patriarcal.

Conforme Carvalho (2003), “O conceito de gênero ratifica que a biologia não é destino, ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois esses significados são essencialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero”.

Scott (1995, p.86) destaca o uso do referido conceito em dois momentos: no primeiro, “o gênero é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e, no segundo, a autora nos remete ao gênero “como uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

No Brasil, esse conceito foi disseminado no final da década de 1980, e desde de então multiplicaram-se os estudos acerca das mulheres e das relações de gênero, com a utilização de várias abordagens, seja nos sujeitos, nos objetos e nas metodologias de pesquisa, que resultam na “criação de cursos de pós-graduação, de núcleos de estudos e pesquisa, a organização de eventos científicos, o estímulo de departamentos do governo à produção de textos por meio de concursos, com concessão de premiações” (CHAVES, 2013, p. 43).

Nesse sentido, Dinis (2008, p. 479), aponta que no Brasil, os estudos sobre Gênero e Educação, obtiveram destaque com a autora Guacira Lopes Louro em seu livro Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista: Nessa perspectiva, Luiz e Silva (2010, p. 22) enfatizam que:

A centralidade dessa experiência no conjunto das vivências e relações das quais meninos e meninas participam nos primeiros anos de vida torna relevante a investigação e análise desse contexto educativo também por meio da perspectiva que considera o gênero uma dimensão estruturante das relações sociais.

A relação estabelecida entre Gênero, Cultura e Instituição nos permite pensar a escola como um locus em que, cotidianamente, as relações de gênero se fazem presentes na formação de crianças de ambos os sexos. Compreender como as relações de gênero são concebidas, permite-nos pensar na construção social e cultural dos sexos, pois “as relações de gênero implicam desigualdade e dominação: inscrevem-se em relações de poder em que o princípio masculino é tomado como medida das coisas” (CARVALHO, 2003, p. 60).

Para Buss-Simão (2013); Senkevics (2012) ressaltam que, mesmo com o avanço dos estudos de gênero no Brasil, são poucas as pesquisas que se detiveram nessa temática. No entanto Senkevics (2012) cita que a Região Nordeste vem se destacando em publicações, especialmente pelas Universidades Federais.

Atualmente, os estudos sobre as relações de gênero no espaço escolar têm se apresentado como ponto fundamental a vários (as) estudiosos (as) de diferentes áreas do conhecimento e não somente das ciências sociais e humanas, a exemplo da sociologia, da psicologia e da antropologia.

Já Amorim *et al.* (2009), pesquisaram as produções acadêmicas sobre gênero na área da Educação Infantil em de Periódicos Qualis A, ano base 2003, onde sobre as produções de gênero foram encontrados apenas 14 publicações das 183 encontradas que abordam o tema da Educação Infantil.

As pesquisas sobre as relações de gênero buscam compreender como as representações sociais e as relações de poder ocorrem entre homens e mulheres, como bem afirmam Scott (1995), Louro (1997) e Finco (2010).

É coerente afirmar que a Educação Infantil, como modalidade educacional situa-se como espaço de convívio social de meninos e meninas em fase da construção de suas identidades de gênero. A presente pesquisa trata-se dos resultados parciais obtidos durante o Trabalho de Monografia apresentado no Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB/CCAIE – Campus IV (Litoral Norte). O objetivo do trabalho consistiu em Analisar as práticas pedagógicas de professoras no contexto das relações de gênero em uma Creche municipal de Mamanguape – PB.

Portanto, refletir sobre essas questões, por meio das práticas pedagógicas dessas educadoras, nos conduziu a buscar elementos que extrapolam os conteúdos escolares e que se coadunam ao traçado do currículo oculto da escola.



2- O CONTEXTO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nas Creches as crianças de 0 a 5 anos vivenciam o primeiro contato com outro espaço social fora de seu lar, além de estabelece novas relações de amizade e confiança com colegas, professores e funcionários. Nesse convívio diário vão se estabelecendo as configurações de gênero, seja pela separação de meninos e meninas, nas representações das cores, na escolha dos brinquedos, e muitas vezes, esses elementos não são percebidos pelos sujeitos que atuam no espaço escolar, além de trazer à tona, situações ligadas aos comportamentos e atitudes de crianças de ambos os sexos, que são influenciadas em sua maioria, pelas regras de comportamentos construídos social e culturalmente.

Sendo assim, nas atividades pedagógicas com as crianças, educadoras e educadores se deparam com situações onde educandas e educandos se identificam com atributos sociais de gênero em sua relação com brinquedos, brincadeiras, roupas entre outros.

Nesse sentido, Finco (2010, p. 126-127) a caracteriza como “um universo com características próprias para as crianças pequenas”, onde a criança vivência o primeiro contato fora do seu espaço familiar, além de que:

[...] apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias como valores e comportamentos também diferenciados. (FINCO; VIANNA, 2009 p. 271).

Sendo assim, nesse ambiente educativo às crianças pequenas vivenciam o primeiro contato com outro espaço social fora de seu lar, e criam novas relações de amizade e confiança com colegas, professores e funcionários. Nesse convívio diário vão se estabelecendo as configurações de gênero, seja pela separação de meninos e meninas, nas representações das cores, na escolha dos brinquedos, e, muitas vezes, esses elementos não são percebidos pelos sujeitos que atuam no espaço escolar, além de trazer à tona situações ligadas aos comportamentos e atitudes de crianças de ambos os sexos, que são influenciadas, em sua maioria, pelas regras de comportamentos construídos social e culturalmente. Sob essa perspectiva, Almeida, Barros e Chaves (2014), afirmam que nas escolas da região do Vale do Mamanguape as relações de gênero não são contempladas no currículo escolar, mas estão inseridas no currículo oculto da escola.

Faria (2006, p. 285) define a educação infantil como:

Um espaço da sociedade onde vivemos as maiores distinções de poder: gênero, classe, idade e etnia. Ainda estão para serem melhor e mais estudadas e investigadas as relações no contexto da Creche onde confrontam-se adultos – entre eles, professor/a, diretor, cozinheira, guarda, pai, mãe, secretário/a de educação, prefeito/a, vereador/a, etc.; confrontam-se crianças, entre elas: menino, menina, mais velha, mais nova negra, branca, judia, com necessidades especiais, pobre, rica, de classe média, católica umbandista, atéia, “café com leite”, “quatro olhos”, etc.; e confrontam-se adultos e crianças – a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da meninas.

Conforme Finco (2010, p. 121) “o direito a uma Educação Infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero” no ambiente educativo. Entendemos que, a escola “[...] não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe” (LOURO, 1995, p. 15). Portanto, no ambiente educativo como a creche, muitas vezes, são estabelecidas normas e ideias naturalizadas e influenciadas pela família, pela Igreja e pela mídia acerca das expectativas esperadas para as meninas e os meninos. Faz-se necessário, pois, que professoras e professores contribuam para a desconstrução de conceitos, normas e valores presentes nas instituições que contribuem para a formação de meninos e meninas dentro e fora do espaço escolar.

No entanto, a essas questões, muitas vezes, não é dada a devida importância por parte de professoras (es), gestoras (es) e coordenação pedagógica que atuam nessa instância educacional. Nesse sentido, Almeida, Barros e Chaves (2014, p. 5) apontam para a necessidade de a escola:

[...] incluir em seu projeto pedagógico as relações de gênero, bem como a diversidade étnico-racial e cultural como ponto para discussão e na perspectiva de desenvolver um trabalho coletivo, inclusive com as famílias dos estudantes.

Os educadores que atuam nesses espaços quem em sua maioria são do gênero feminino em sua atuação docente escabele uma relação de convivência maior com as crianças do que os outros profissionais, e, em alguns momentos, reproduzem em suas práticas pedagógicas as normas e condutas estereotipadas do masculino e feminino que foram historicamente construídas pela modelo de poder patriarcal. Todavia, não podemos generalizar esse tipo de prática didático-pedagógica, já que também existem professoras que tentam desconstruí-las, mesmo sem ter tido acesso a uma formação em Curso de Graduação.

3- PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 - Local e Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma creche municipal localizada no Centro do município de Mamanguape – PB (Litoral Norte) e atende crianças de 2 a 5 anos de idade dos bairros mais carentes da cidade, a exemplo de Bela Vista, Alto do Cemitério, Rua do Meio, Engenho Novo, dentre outros. A maioria dessas crianças é parda, mas existem crianças negras e brancas também. Esse dado traz à tona aspectos da realidade de creches que compõem o cenário brasileiro caracterizados pela diversidade cultural e étnica. Suas famílias em sua grande maioria recebem o do Programa Bolsa Família do Governo Federal. Segundo a vice-diretora, a maioria das crianças são é filha (o) de mães solteiras, outras (os) residem com avós e tios, ou com seus pais ou parentes próximos. Esse dado demonstra que no cotidiano vivido pelas crianças da creche não existe um único modelo de família; ela se apresenta de maneira plural e não se coaduna ao modelo ideal de família nuclear e burguesa.

A pesquisa contou com a participação de quatro professoras colaboradoras que atuam nessa instituição de educação infantil. No total atuam seis professoras, mas apenas quatro professoras se disponibilizaram em colaborar com a pesquisa; duas do quadro efetivo da escola e outras duas contratadas pela Secretaria Municipal de Educação do município de Mamanguape-PB.

3.2 - Abordagem e instrumentos da Pesquisa

Na pesquisa foram utilizados elementos da abordagem etnográfica, com o uso de observação e diário de Campo, entretanto nos deteremos apenas aos resultados obtidos durante as entrevistas com as professoras colaboradoras no que concerne ao nosso objeto de pesquisa “práticas pedagógicas na perspectiva das relações de gênero”

Quanto ao instrumento nos utilizamos de um questionário com perguntas abertas, objetivando analisar o objeto da pesquisa com mais profundidade. Esse instrumento de pesquisa nos possibilitou realizar entrevistas como um processo de diálogo e interação, seguindo uma lógica de ampliação das questões, à medida que as colaboradoras verbalizam suas concepções

sobre as relações de gênero. Sobre essa técnica, Richardson (1999, p. 208) esclarece que a entrevista não estruturada

[...] também chamada de entrevista em profundidade, em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa.

Abordamos outras questões que surgiram no transcorrer da entrevista, que sinalizaram para situações cotidianas referentes à sexualidade de meninos e meninas, como também a quais as concepções e intervenções pedagógicas das professoras sobre essa temática, no dia a dia de meninos e meninas. As entrevistas com as professoras foram realizadas individualmente, e acompanhadas da aplicação de um questionário sociodemográfico. Isso nos permitiu aprofundarmos o envolvimento construído no transcorrer do semestre com as colaboradoras, de forma que elas se sentiram bastante à vontade em expor suas ideias, responder ao mencionado questionário e sobretudo gravar suas falas.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola como espaço de interação e socialização dos sujeitos também contribui para construir ou desconstruir marcadores sociais como gênero e classe. Sendo assim, quando indagada sobre qual o papel da mulher e do homem na sociedade, a professora Margarida prosseguiu:

[...] eu incentivo muito **a mostrar a diferença do serviço do homem e do serviço da mulher.** [...] por exemplo eu já passo isso pra eles, que **não tem nada a ver, um homem varrer a casa não vai ser homem, não existe isso não, pode lavar um prato, aquilo ali ele tá aprendendo a ser um homem de verdade, e uma mulher também pode fazer a mesma coisa,** aí eu dou exemplo pra eles. **Quantas mulheres tem trabalhando em oficina? Quantas mulheres tem trabalhando como guarda?** Mas é somente o homem? Aí eles respondem “Não tia”. Eu digo então pronto, então pra vocês veem que hoje não há muita diferença de homem e nem de mulher dependendo do serviço. **(grifo nosso).** (Professora Margarida – 46 anos, Professora do Pré-escolar II).

A professora Margarida explica a seus alunos as relações de gênero, tomando como exemplo, a possibilidade de a mulher exercer funções tidas como masculinas. Entretanto, chamamos a atenção para os tipos de exemplos que ela traz em sua prática didático-pedagógica, por

meio de marcadores sociais de gênero e de classe. Ou seja, nos exemplos, evidenciam-se atividades com pouco reconhecimento social que são associadas ao gênero feminino. A partir da compreensão da educadora, inferimos, que, involuntariamente, a mesma reproduz em sua prática o estigma de impossibilidade de suas alunas chegarem a ocupar profissões com maior reconhecimento social, apesar de os homens poderem transitar pelo espaço doméstico sem que isso signifique afetação de sua masculinidade.

No universo da Educação Infantil, as cores são um dos recursos pedagógicos muito adotados por professoras que atuam em creches e pré-escolas. Conforme a concepção da professora Margarida sobre suas práticas, quando perguntamos se atribuía cores específicas para meninos e meninas, obtivemos a seguinte resposta:

[...] principalmente na hora da chamada. Por exemplo, tem umas fichinhas com o nome deles, os das meninas são verde e dos meninos são amarelo, aí eu já abro o verde e já dou uma aula de cor, pra eles identificar a cor a amarela e a verde.
(Professora Margarida – 46 anos, Professora do Pré-escolar II)

Na resposta apresentada pela professora Margarida, percebemos perspectivas diferentes em relação às práticas das outras colaboradoras. No caso dela, as cores são utilizadas para distinguir os gêneros verde (meninas) e amarelo (meninos) durante a chamada de presença das crianças, mesmo não sendo as cores determinadas (azul e rosa), ela ainda distingue, só muda as cores.

Já para a professora Hortência, as próprias crianças “sentem” a diferença das cores rosa e azul em sua relação com o gênero feminino e masculino, respectivamente. A concepção da professora resvala na naturalização dessa simbologia presente na escolha das cores rosa e azul expressa na relação intersubjetiva com as crianças, a exemplo da fala abaixo:

Eles mesmo distinguem, eles não querem. Se bota a cor rosa para menino eles dizem “eu não sou menina não, eu sou menino”. Eles mesmo sentem a diferença.
(Professora Hortência – 67 anos, Professora do Pré-escolar I)

Inferimos ainda da fala da professora que meninos e meninas trazem para a escola visões de gênero aprendidas em outros espaços sociais. Nesse caso, possivelmente, no seu primeiro grupo social, ou seja, em suas famílias. Nesse sentido, Magalhães e Ribeiro (2009, p.693) esclarecem que:

[...] desde a mais tenra idade, vamos apreendendo a ser homem e a ser mulher, através de múltiplos processos, estratégias e práticas culturais estabelecidas, primeiramente pela família e, depois pelas diferentes instâncias sociais como escola, mídia, religião, entre outros.

As desigualdades de gênero são construídas social e historicamente, a partir das normas, valores, condutas, concepções, simbologias... inspiradas nas diferenças existentes entre homens e mulheres. Assim, como bem afirmou Beauvoir (1949), “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

As cores, portanto, possuem forte impacto na formação das crianças e em suas concepções acerca dos atributos e expectativas relacionadas à construção das masculinidades e das feminilidades. Por isso, as concepções de gênero devem ser problematizadas, principalmente no espaço escolar.

Para Magalhães e Ribeiro (2009, p. 696) “essas estratégias buscam de alguma maneira, apontar o que se espera de meninas e meninos, de acordo com as normas estabelecidas no contexto social e cultural”. Todavia, quando indagada sobre esse gosto de seus alunos e alunas por determinada cor, a mesma professora respondeu: “[...] eu acho que, sei lá, o machismo né (risos) que nasce desde criança” (Professora Hortência – 67 anos, Professora do Pré-escolar D).

Essa fala revela que a professora de alguma forma tem consciência das relações de gênero presentes na sociedade e do machismo, mas talvez somente tenha despertado para essas questões durante o diálogo realizado por meio da entrevista.

Assim, faz-se necessário não apenas escutar as crianças, mas, sobretudo, criar situações de diálogo, estimulando-as a enxergar outras possibilidades. Com base nessa perspectiva, urge repensar não somente o modelo androcêntrico de sociedade, mas, concomitantemente, a nossa perspectiva adultocêntrica quando em nossas práticas didático-pedagógicas impomos a meninas e meninos nossa própria visão de mundo.

Percebemos que as cores são um dos elementos marcadores na educação de meninos e meninas, pois, antes mesmo da criança nascer, mães e pais se utilizam de vários mecanismos para identificar o gênero de seus filhos, principalmente na escolha dos enxovais do bebê, que, em muitos casos, priorizam as cores rosa para as meninas e azul para os meninos.

No caso das professoras Girassol e Ipê amarelo que atuam com a turma do maternal, ambas adotam práticas pedagógicas de não separar as cores por sexo, como percebemos em suas falas:

Eles gostam muito assim, na hora da comida nos copos, eles gostam assim **o menino diz assim “eu quero cor de menino” “ eu quero cor de menina”** eles

sempre tem isso. Só que para mim eu não acho assim correto não, só azul só de menino não tem isso não, azul só de menino, azul a menina também pode. Eu comparo muito no copo, as meninas só que mais, aí **eu digo “Não” o que tem vamos supor o café da manhã leite tem a mesma coisa, no que tem azul tem o rosa.** [...] assim, eles diz azul é de menino eu digo não, a menina também e, a menina não usa roupa azul, tem menino que usa blusa rosa. Pra mim assim, **eu não gosto de atribuir só uma cor só a menino e só a menina não. (grifo nosso).** (Professora Girassol –30 anos, Professora do Maternal)

Não! Sempre a gente trabalha junto e a gente abrange tudo menino e a menina, fala sempre todos iguais, a gente nunca diz os meninos fica com essa cor e as meninas com essa não, a gente trabalha tudo igual, até mais pra eles ver que alguma pintou errado, aí diz essa cor não foi a que tia falou não, “oh tia a cor tal do desenho tal, ho! Pintaram errado olhe vem ver?” Entendeu? Nuca separa não. (Professora Ipê amarelo – 53 anos, Professora do Maternal)

Apesar de não terem sido inseridas em uma formação continuada, com foco nas relações de gênero na educação infantil, três das quatro entrevistadas revelaram que desconstruem perspectivas indeníveis relacionadas à cultura sexista quando não separam as cores pelo sexo das crianças.

Nesse sentido, ao adotarem práticas contrárias ao determinismo cultural dos gêneros, por meio das cores, as professoras acabam contribuindo para a desconstrução de modelos culturais estereotipados, pois “muitas vezes as práticas cotidianas da pré-escola, como a organização da fila e a distribuição das crianças nas mesas, mostram que a escola acaba por reforçar a separação entre meninas e meninos” (FINCO, 2010, p. 128).

Outro ponto importante, nas práticas didático-pedagógicas da professora Ipê amarelo sobre as relações de gênero se dá quando ela enfatiza a sua formação familiar:

Eu como fui criada assim também (risos), eu fui criada assim que a boneca é de menina e o carro de menino. Às vezes que eu tinha muita aula de pedagogia, reuniões com os professores aí dizia que nunca diga isso para as crianças, que se o menino quiser pegar a boneca pode deixar, não tem que dizer nada, e do mesmo jeito e as meninas se ela quiser pegar o carro, aí como a gente tem sempre esse encontro aí não tem problema não. Mas se pegar uma briga aqui “eu quero minha boneca” aí a gente diz passa a bonequinha pra ela, e brinque com seu carrinho, mas se quiser brincar a gente deixa normal. (Professora Ipê amarelo – 53 anos, Professora do Maternal)

A professora teve uma educação familiar onde meninas e meninos tinham seus brinquedos marcados por educação diferenciada entre meninos e meninas. Embora a professora tenha tido uma formação familiar tradicional, ela tenta desconstruir os estereótipos de gênero que norteiam a educação das crianças na escola. Ela afirma que teve formação para intervir nas situações em sala

de aula, quando as crianças (meninas ou meninos) desejam brincar com o brinquedo do outro sexo, e que com sua turma (maternal) quando acontece de um menino querer brincar com a boneca, ela não o reprime. No entanto, quando as meninas os meninos entram em conflito, por causa de uma boneca ou de um carinho, ela prefere atender o desejo das crianças.

5- CONCLUSÃO

É válido ressaltar que a formação das professoras que atuam em creches e pré-escolas, no Brasil, está ligada à inserção da mulher no magistério, por meio das Escolas Normais que surgem da necessidade de profissionais para atuarem nas escolas primárias que se instalavam no país. Nesse sentido, o magistério se feminiza e, aos poucos, são incorporadas novas perspectivas nas práticas pedagógicas das professoras, como a incorporação do conceito de infância e da ideia do lúdico.

Na creche, as concepções de gênero se traduzem na adoção de práticas ligadas aos comportamentos e atitudes das crianças, seja ao separar meninos e meninas durante o banho, ao determinar as cores e os brinquedos específicos para cada gênero. Muitas vezes, essas distinções não são percebidas pelas professoras e os funcionários de apoio, que acabam reproduzindo preconceitos e estigmas culturais, pela falta de formação orientada para as relações de gênero no ambiente educativo. Ao tomar como parâmetro essas distinções do feminino e do masculino, o ambiente escolar e outros espaços sociais naturalizam as concepções históricas e culturais que discriminam e desvalorizam as mulheres.

As concepções das professoras evidenciaram a existência de dilemas e perspectivas acerca das relações de gênero. Sendo assim, ao se reportarem sobre sua atuação com as crianças, enfatizam em suas práticas didático-pedagógicas a predominância de perspectivas tradicionais de gênero. Como um sujeito inserido em um espaço e tempo histórico, elas vivenciaram em sua história de vida aprendizagens sobre os papéis de gênero de maneira conservadora; de acordo com as normas estabelecidas pelo contexto social e cultural no qual estão inseridas.

A formação das professoras da educação infantil se constitui em um problema histórico, sobretudo se pensarmos a inexistência de uma formação continuada a partir das relações de gênero. Portanto, as creches e pré-escolas acabam contribuindo para a reprodução de preconceitos e estigmas culturais, pela falta de trabalho didático-pedagógico orientado para as relações de gênero no ambiente educativo. Ademais, as relações de gênero não são objeto dos

cursos de formação de professoras e professores ofertado pela secretaria de educação municipal de Mamanguape, como também ne nos municípios circunvizinhos.

Os dados obtidos sinalizaram para a necessidade de uma formação continuada das professoras da creche com ênfase nas relações de gênero e sexualidade.

6- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloísa Melo de; CHAVES, Gislaíne Nóbrega; SOUZA, Liliane de Barros. O conceito de Gênero na Visão de professores e professoras do Vale do Mamanguape-PB. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, n.1, 2014, **Anais eletrônico**. Campina Grande: Realize, 2014. Disponível em: <
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_24_05_2014_14_43_55_idinscrito_537_7f6c651fe1bc636ff192ceb713016f2e.pdf>. Acesso em: 05 out. 2014.

AMORIM, Karen Santos. *et al.* Características da produção acadêmica sobre relações de gênero na educação infantil. *In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC*, n. 6, 2009, Manaus. **Anais eletrônicos**. Manaus: SBPC, 2009. Disponível em: <
<http://www.sbpcnet.org.br/livro/61ra/resumos/resumos/6806.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2015

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1967.

BUSS-SIMÃO, Marcia. Gênero como possibilidade ou limite da ação social. **Revista Brasileira de Educação**: Rio de Janeiro, v.18, n.55 out. dez. 2013.

CARVALHO, Maria Eulina de. O que essa história tem a ver com as relações de Gênero. *In: _____*; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **Gênero e educação**: múltiplas faces. João Pessoa: UFPB, 2003.

CHAVES, Gislaíne da Nóbrega. Relações de gênero: fontes, metodologias e potencialidades de pesquisa em história. *In: VIERIA, Martha Victor; ALMEIDA, Vasni de.* Caminhos da História: sugestões para pesquisa no ensino superior. CVR: Curitiba, 2013.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Revista Educação & Sociedade**: Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu (26)**. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero, Campinas, n.26, 2006. p.279-287.

FINCO, Daniela. **Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil**. Revista Múltiplas Leituras: São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, jan. jun. 2010.

_____; VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de Gênero e poder. **Cadernos Pagu (33)**, Núcleo de Estudo de Gênero – Pagu/ Unicamp, p. 265-283, jul. /dez. 2009.

LOURO, G. **Gênero, História e Educação**: construção e desconstrução. Educação e Realidade. Vol.20 (2), jul. /dez. 1995.

_____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturante. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUZ, Iza Rodrigues; SILVA, Isabel de Oliveira. Meninos na Educação Infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu (34)**. Núcleo de Estudo de Gênero – Pagu/ Unicamp, 2010. p. 17-39.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. As neurociências ensinando modos de ser homem e mulher em revistas de divulgação Científica. **Revista Electrónica de Enseñanza de las ciencias**. v. 8, n. 2, 2009 p. 692-710. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART17_Vol8_N2.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 189- 219.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, Porto Alegre, 1995, p 71-99